



Larissa Soriano
EITHER/OR

Inspirado pelo álbum homônimo de **ELLIOTT SMITH**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

EITHER/OR
LARISSA SORIANO
uma história inspirada por
EITHER/OR
ELLIOTT SMITH

SÃO PAULO, AGOSTO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY LARISSA SORIANO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

EITHER/OR

LARISSA SORIANO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Speed Trials
2. Alameda
3. Ballad of Big Nothing
4. Between the Bars
5. Pictures of Me
6. No Name Nº5
7. Rose Parade
8. Punch and Judy
9. Angeles
10. Cupids Trick
11. 2:45 AM
12. Say Yes

EITHER/OR ELLIOTT SMITH

LANÇAMENTO: **1997**
SELO: **KILL ROCK STAR**



EITHER/OR
LARISSA SORIANO

SILÊNCIO

Nunca entendi direito os *junkies* e sua postura autodestrutiva de enganar o sofrimento com muitas drogas e bebidas num bar. Mas também, eu nunca passei por um porre que valesse o gosto amargo da ressaca. E mesmo quando eu me droguei pra tentar esquecer, o motivo da fuga me perseguiu nas “viagens”. Deve ser porque nunca coloquei a culpa dos meus fracassos em ninguém além de mim. Então, enquanto tentava me dopar, só pensava que eu mesma falhei, que eu mesma não soube lidar com minhas limitações, que eu mesma insisti em amar mesmo sabendo que aquela não era a saída para uma pessoa como eu.

Eu sempre preferi o silêncio ao desespero, sempre me senti meio patética depois desses gritos. Por isso, quando eles são inevitáveis, prefiro que aconteçam num lugar em que ninguém possa me ouvir. Também sempre tive medo de depender de alguém. Porque no amor a gente sempre se entrega e sempre tem alguém pra te ferrar. Eu pensava que todos viviam contos de fada menos eu, a dor dos outros sempre foi menos doída. Sei que isso soa bem egoísta.

É claro que eu já quis me jogar no chão e esperar que alguém me recolhesse, mas não me dou esse direito. Tenho de ser forte e saber me cuidar, tenho que provar pra mim mesma que não sou fraquinha ou meiguinha. Sou uma mulher que sabe se virar e que nunca vai precisar de ninguém. Companhias são bem vindas, mas não são necessárias. Eu sei que posso tudo o que eu quiser.

O ENCONTRO

O que não sei é se aquele cara me ouviu ou se eu o ouvi. Não sei se me moldei através do que ele sentia ou se, de repente, eu não estava mais sozinha no mundo. Mas quando nada mais fazia sentido, era só tocar aquele CD para eu me sentir em casa de novo.

Numa fase bem confusa, um colega me entregou um CD e disse: “ouça, eu tenho certeza que você vai gostar”. Eu estava começando entender que não adiantava tentar me construir pra agradar as pessoas, porque eu sempre falharia. Começava a olhar para dentro, tentando aceitar quem eu era. Mas esse é um processo muito longo e muito difícil de ser feito e, no meio do caminho, nem sempre eu concordava que as coisas deveriam ser assim. Demorei alguns meses para me interessar em ouvir o CD. E quando eu estava sozinha, apareceu a voz daquele cara e tudo era possível.

Nessa coisa de “tentar ser”, perdi o foco de mim mesma. Às vezes, eu ainda não tenho certeza se quero ou não alguma coisa, perdi as referências. Não sei mais o que sou eu de verdade e o que eu inventei, o que eu quis e o que eu me forcei a gostar. É que eu achava que assim ia conseguir ser o tipo de pessoa que eu queria ser. No sei se essa pessoa é muito parecida ou muito diferente da verdadeira Mariá, porque essa ainda é uma estranha pra mim.

Mas quando eu ouvi aquele cara eu realmente gostei do que estava ouvindo, realmente sentia o que eu sentia. Eu vi que fazia parte de algum lugar e não

me preocupei se aquilo era o tipo de coisa que se deveria sentir. Também não quis saber se estava parecendo patética, infantil ou fraca demais: aquele cara também se sentia assim e isso era a única coisa que eu precisava saber.

Ele era sensacional e todo mundo concordava comigo. Ele tinha se suicidado e as músicas tinham uma melancolia inerente. Mas, mesmo assim, elas não deixavam que você desanimasse no fim. Porque, no fundo, eu gostava de sofrer, só nunca tive paciência para os grandes ataques histéricos e gritos de desespero, como eu disse.

OÁSIS

Aquele cara virou meu oásis, mas eu me forcei a ouvi-lo o mínimo possível. É que eu não poderia deixar que a rotina tirasse o espetáculo de cada encontro. Mais que isso: a dúvida sobre aquele CD não poderia nunca entrar em mim. Mesmo quando tudo estivesse muito confuso, eu nunca poderia me questionar: será que eu gosto mesmo daquele cara?

Só que eu também não consigo me entregar a um sentimento por muito tempo. É que parece que eles formam uma camada muito fina, e quando eu preciso viver — interagir com o mundo — essa camada se rompe e as únicas coisas que restam são essas lutas contra mim mesma. Para mim, a vida virou um sinônimo para “adaptação”. Viver é se transformar o tempo todo, se aprisionar, se conter. É não esperar nada e, ao mesmo tempo, querer tudo. É um querer, um eterno querer.

Depois da última música daquele CD eu tinha que voltar a ser eu mesma. Aquela “eu mesma” que nunca fui eu de verdade. Tinha que prestar atenção a minha volta e me domar de novo. Eu nunca enjoei daquele CD; se pudesse, ficaria com o fone de ouvido o tempo todo, só vendo as coisas acontecerem e as bocas se mexerem enquanto aquele cara me diz que tudo é possível.

Eu já estava cansada daquele mundo que eu tinha criado pra mim. O lado bom de se mudar para um lugar onde ninguém te conhece é que você pode se reinventar. Mas era a segunda vez que eu me reinventava e não estava feliz com o resultado. E, ao mesmo tempo, estava muito cansada de tentar e tentar.

COR DE MEL

Então tudo foi entrando em foco e ele olhou pra mim bem de perto e deu aquele sorrisinho de meia boca. Eu tinha comentado um dia antes com a minha amiga o quanto esse sorriso me desarmava. Ele conseguia qualquer coisa com aquele sorriso. Mas eu tentei ficar impassível: “dessa vez eu não vou ceder e não vou esquecer que não sou só eu que reajo assim a esse sorriso”. Eu respirei fundo e virei as costas. Até senti que ele esticou o braço pra me alcançar, mas desistiu no meio do caminho. Eu fui embora e esse foi o fim.

NÃO SOU

Como é que se calcula a possibilidade do amor? Amores são possíveis, mas quando eles são permitidos? Eu nunca me permiti, sempre calculei. Deixei de acreditar em milagres para acreditar na matemática. Eu vivi alguns casos, mas eles não foram suficientes. Alguns me devastaram e me mudaram profundamente — eu nunca pensei em outra razão que não o amor para mudar alguém profundamente. Mas, depois de um tempo de frustrações e de amores mal resolvidos e de querer saber onde eu errei e sempre descobrir onde eu tinha errado, eu me preveni. Eu já sabia tudo que ia acontecer. E por mais que os amores fossem aparecendo cada vez mais facilmente, nenhum deles jamais me tocaria de forma inesperada.

Essa não foi uma decisão que eu tomei — não assim, friamente —, foi o que eu me tornei. Mas, como eu já disse, não sei se essa era eu mesma ou se foi a forma que eu encontrei de viver amores.

VIDRO FOSCO

Quando as coisas eram mais espontâneas e eu achava que já estava exagerada demais, amando demais, me entregando demais, alguém me disse que “um dia eu ia amar e saber o que é se entregar mesmo sem ter certeza de nada”. Eu achei muito estranho ouvir isso, porque nunca enxerguei outra parte de mim que não fosse o coração — talvez só a garganta. A garganta que eu sinto apertar, mas tapo; eu não grito. Não sou desse tipo de gente passional. Bom, talvez eu seja, já que o grito fica preso aqui o tempo todo. Mas não é assim que eu escolhi ser, não é essa a Mariá apresentada por aí. E isso que importa: porque eu sou o que as outras pessoas vêem.

De qualquer forma, o que eu quero dizer é que sempre achei muito estranho alguém esperar que eu aprendesse o que é fazer besteiras por amor. Porque eu nunca achei que estivesse fazendo outra coisa da minha vida que não isso! É normal que não transpareça? Eu sempre me achei tão óbvia, tão medrosa. Como ninguém nunca entendeu meu medo? Já me disseram também que eu sou “do tipo que não se importa”. É claro que eu neguei, tentei explicar que eu me importo sim, muito, o tempo todo. Mas desisti de falar: eu não tenho que mostrar, as pessoas que têm que ver. Não?

PICHANDO MUROS

Aos 13 anos eu amava um menino loiro que matava aulas pra andar de skate e ouvir Nirvana. Um dia eu matei aula pra ficar perto dele. A matéria nem era tão chata assim, mas era impossível recusar o convite de tomar algo no bar da sinuca. Ele subiu a rua toda falando sobre as manobras que ele e os amigos conseguiram fazer na noite anterior. Passamos por uma feira de artesanato em que uma velhinha de cabelo vermelho vendia pedras. Ele pegou várias (saiu com os bolsos fazendo barulho) e guardou uma verde pra dar pra uma amiga minha que estudava na mesma sala. Depois da única cerveja, comemos bolacha recheada e assistimos desenho animado na casa dele. Ele me acompanhou em boa parte do caminho quando eu fui embora, porque aproveitou para levar o cachorro para vacinar. Nenhum garoto é tão *bad boy* assim.

DÁ PRA TOCAR

É uma besteira você declarar que ama alguém quando está claro que o amor não é possível ali. E eu já fiz isso duas vezes, sem medo de ser ridícula. Não é que eu só tenha amado essas duas pessoas, eu amo o tempo todo, mas assumi duas vezes. E não fui correspondida. E convenhamos que é uma besteira também você insistir, mesmo que saiba o que deu errado. É uma besteira esperar na porta da casa dele com o coração aberto e não se importar em estar disponível demais quando ele precisa – e só naqueles momentos. E eu já fui assim também.

Mas quando eu sofria porque meu Amor não me tinha amor, diziam que ia passar ou que ele não merecia meu sofrimento. Como se eu sofresse por uma pessoa, e não por um sentimento desperdiçado. Eu me abro pra alguns amigos, mas parece que meus sentimentos são sempre ridículos – e talvez sejam mesmo. Claro que tem aquela história de que todas as cartas de amor são ridículas e de que todo amor é ridículo, mas não é legal quando você se sente realmente ridícula.

Ninguém entende esse amor e essa saudade constante que eu tenho (porque é permitido amar o passado). Então eu amo as coisas que eu já vivi e sinto saudades porque eu estive lá, passei por lá e as coisas estão todas lá e nada está aprisionado aqui dentro. As coisas se tornam concretas no passado.

EM FORMA DE MÚSICA

Aquele cara cantava a sua tristeza sem vergonha de ser triste e sem tentar convencer que isso é permitido mesmo quando ninguém entende. Aí um dia eu estava conversando com ele — eu já falo sobre ele — e ele me disse que aquele cara era muito denso sem ser cansativo. Que aquele cara cantava o desespero. Entende? Ele estava desesperado, mas cantava. E eu sabia exatamente do que ele estava falando.

ELE

Então, tudo isso aí sobre mim era verdade, até que ele apareceu. Como a maioria das coisas grandes, foi naquele momento em que você não está esperando nada e que parece que tudo está no lugar. Ele apareceu e a gente tinha muita coisa em comum e ele também conhecia aquele cara do jeito que eu conhecia.

Não preciso dizer como, quando, onde e quantas vezes a gente se encontrou pra fazer sentido que eu o ame. Até porque se eu falar, você veria que não faz sentido nenhum. E como eu já disse que não consigo me entregar muito tempo a um sentimento, também quis me libertar dos moldes que eu criei quando deixei de ser eu mesma. Eu comecei a questionar os meus questionamentos e a minha ciência pra saber: por que as coisas têm, necessariamente, que ter um sentido? Ser que ele não pode só aparecer e eu só amar? Não basta o que a presença e a voz dele fazem comigo, pra justificar o amor?

Eu poderia contar que “desfiz as minhas amarras e descobri a fórmula do amor perfeito entre duas pessoas: não se questione, só sinta”. Mas seria mentira. Ele não me ama, e não me amou. Esse é mais um daqueles amores sem final feliz. Mas dessa vez não é um sentimento desperdiçado. Agora, o amor por si só já basta.

Eu me permiti não ver sentido nenhum e mesmo assim ser otimista. Mesmo assim acreditar que um dia pode dar certo e que eu não vou desanimar e que

isso não é o fim. E por mais que não faça sentido, foi aquele cara que cantou isso pra mim.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br